

<http://dx.doi.org/10.15202/25254146.2017v2n3p118>

# O DESAFIO DOS PROFESSORES NA CONQUISTA DE NOVOS SABERES PARA AS AULAS NO ENSINO A DISTÂNCIA

INTERDISCIPLINARES

**Francisco Aristides Neves Garcia**

Mestre em Ciências Contábeis pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ  
Professor Assistente no Centro Universitário Augusto Motta - Rio de Janeiro - RJ  
fang@terra.com.br

**Ronaldo Gomes da Silva**

Especialista em Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável pela UNISUAM  
Professor Assistente no Centro Universitário Augusto Motta - Rio de Janeiro - RJ  
rgomes59@yahoo.com.br

## RESUMO

O trabalho em curso é fruto da inevitável curiosidade deste pesquisador para entender, de forma mais consistente e aprofundada, o desafio que o Ensino a Distância EAD provoca nos professores presenciais. Mais especificamente, identificar quais as dificuldades que os mesmos têm para trabalhar na aludida sistemática de ensino. A opção pelo tema é fundamentada no avanço da tecnologia com sua interação com a EAD, transformando esta no campo propício para o reconhecimento das mutações céleres, rápidas e constantes daquela, e na literatura que apresenta como entrave à sua implantação a predisposição dos professores em lhe opor uma resistência sistêmica e defensiva. Logo, objetiva este artigo firmar entendimento para identificar como tais bloqueios poderão ser convertidos em força propulsora para arremeter novas tecnologias, colocando-os a seu favor, para alcançar, fomentar ou consolidar didáticas e saberes. Pelas características do trabalho foram aplicadas duas pesquisas: uma bibliográfica e a outra de campo. A última feita por questionário direcionado aos professores de uma instituição de ensino superior da Comarca do Rio de Janeiro. Quer a bibliografia pesquisada quer os dados coletados na pesquisa de campo apontam efetivamente para uma resistência, ainda bem acentuada, do corpo docente presencial à plena adoção da nova metodologia de ensino, mas já mostrando certa tendência de oposição menos forte, vez que cresce o sentimento de que o EAD avança a cada dia e se firma mais irreversível e presente nas práticas didáticas.

**Palavras-chave:** EAD. Resistência. Modalidades de ensino. O desafio do novo.

## THE CHALLENGE OF TEACHERS IN THE CONQUEST OF NEW KNOWLEDGE FOR THE LESSONS IN DISTANCE EDUCATION

### ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the possible influences of continuing education courses, offered in the distance modality (EAD), in the development of the skills of public servants and managers, especially the National Institute of Social Security (INSS). The research that is to be carried out has as a result the analysis of the perception of the servants and managers on the professional improvement and reflections on the services provided by the EAD courses offered by the INSS Training and Improvement Center (CFAI). This work is based on quantitative

methodology, through a survey with the INSS servers and managers. The results showed that for the managers and servers the training in the EAD model provides the dissemination of knowledge effectively qualifying the employees to carry out their activities directly reflecting the improvement of the performance indicators of the unit and consequently the quality of service provision (The public).

**KEY WORDS:** Public Administration. Corporative education. Education.

## 1 INTRODUÇÃO

O ensino, em todas as vertentes, está revelando a necessidade de promover alterações na sua metodologia dominante. Essa necessidade ficou mais acentuada nos últimos anos com a disponibilização de novas tecnologias, em escalas muito mais abrangentes. A par desses aspectos as demandas sociais estão subindo de tom provocando o sentimento de que o antigo paradigma precisa mudar para atendê-las. Com o uso geral e praticamente irrestrito da tecnologia, com destaque incontestante para o celular, os professores precisam se preparar para usarem-na em seu favor, de forma que contemplem, adequadamente, esses novos elementos e evitem um provável risco de se verem, literalmente, afastados do processo.

É sob esse prisma que surge o desafio deles na conquista de novos saberes para atender a EAD. A constatação dessas manifestações, provocadoras da percepção das exigências de alterações no ensino e seus métodos, impacta de forma clara e direta o principal ator do modelo vigente – o professor. Perante essa nova realidade as dúvidas surgem. Como será seu papel e integração nesse tipo de ensino? Qual será sua postura frente a mais esse desafio que implica na saída de razoável zona de conforto a que provavelmente chegou? Quais os novos saberes que ele precisa adquirir para atender e educar à distância? Como reagirá às novas demandas do ensino? Mas, a que ponto as demandas sociais influirão nas mudanças a que esse ator do ensino será submetido e até que limite ele pretende ir para atender às necessidades demandadas?

Nesse sentido, as demandas sociais, como fatores impositivos da mudança participativa dos professores, podem fazer com que eles redobrem seus cuidados e fiquem mais atentos para elas, de modo a que:

As novas demandas sociais, a diversidade e diferentes necessidades e interesses que os alunos indicam, fazem com que o professor precise ficar atento às novidades que aparecem, dominando-as e criando formas de inseri-las no processo ensino-aprendizagem. Além disso, e em seu apoio, ressalta-se a necessidade de promoção de mudanças de crenças, de valores, de concepções que estão nas bases dessas escolhas e opções. (MADEIRA-COELHO; TACCA; OLIVEIRA; PINTO, 2017, p. 76).

Refletindo sobre as mutações provocadas nos mais variados segmentos sociais, pela acelerada mudança de paradigmas e com o avanço inexorável de novas tecnologias, tomou corpo a necessidade de investigar qual o comportamento do corpo docente ante esse desafio. Que novos saberes ele precisa adquirir para atender, adequadamente, à crescente demanda das diferentes necessidades e interesses dos alunos, sempre mais consistentes e rápidas, determinadas pelo uso de tecnologias inovadoras, que trazem o saber para a palma da mão, quase que instantaneamente, mostrando a realidade que aí está imperativamente desafiadora e sem volta ou retorno ao *status-quo* anterior.

Paralelamente entende-se, perfeitamente, que a abrangência do tema é infinda. O desafio lançado aos professores é amplo e altamente abrangente, razão que torna indispensável à delimitação do estudo para a resposta às dúvidas, retro mencionadas, ou outras que advierem do desafio da conquista de saberes diferentes, necessários ao atendimento dessas demandas e do relativo domínio prático das ferramentas tecnológicas que a EAD, naturalmente, impõe.

Percebe-se, claramente, que as novas mídias abarcam a sociedade, amplamente, sem distinções, com uma crescente acessibilidade generalizada, apesar de terem, ainda, um elevado custo, para sua utilização. O tempo na internet avança. O uso de celulares avança. A forma de comunicação avança. A rapidez da comunicação avança. Tudo, absolutamente tudo, no campo informacional, avança, de maneira avassaladora, ampliando, exponencialmente, a utilização de instrumentos e elementos de alta tecnologia nas atividades diárias.

Destarte, é nesse campo de permanente mutação da forma da comunicação, transmissão e recepção do conhecimento que os professores presenciais estão inseridos. E, por isso mesmo são compelidos a responder a novas demandas, geradoras, em geral, de conflito de interesses que podem levar ao levantamento de barreiras restritivas à plena implantação da EAD, como novo modelo de ensino.

É nesse aspecto, que este trabalho se faz necessário e importante, para identificar os obstáculos desafiadores que aos professores presenciais terão para atender às demandas informacionais, bem como aos desafios inovadores, provocados pela EAD, à sua capacidade cognitiva para gerar os novos saberes.

Desses desafios inovadores percepções antagônicas surgem ou antigas afloram. Nesse espectro da inovação do ensino diz a educadora, filósofa e escritora Tania Zagury:

Inovar: palavra da hora em Educação! No entanto, grande parte das aulas, Brasil afora, é ministrada de forma tradicional (quadro de giz e exposição oral), o que leva muita gente a afirmar que o ensino não melhora porque o professor não quer mudar. Conclusão simplista! A maioria dos docentes adoraria inovar – se tivesse condições e treinamento adequados. Não é o conservadorismo que os impede: é a realidade (ZAGURY, 2017, p. 19).

Observando-se, cuidadosamente, os dizeres da educadora depreende-se que os professores, além dos desafios propriamente ditos, da mudança de paradigma no ensino, ainda têm que superar as condições inadequadas para o uso de novos parâmetros. Não bastassem as características diferentes dos atuais receptores da informação, as mudanças que terão que operacionalizar na sua formação, o desafio das tecnologias e a discussão da adequabilidade dos conhecimentos vigentes, para a construção de novos saberes, terão eles, também, que superar nos ambientes educacionais a falta, de adequada estrutura de apoio informacional, que, geralmente, lhes são disponibilizadas para exercerem suas atividades profissionais.

É surpreendente constatar que numa leitura experimental o que se apresenta como ponto nevrálgico desafiador é, praticamente um só, a resistência dos professores presenciais à absorção dos novos paradigmas desafiadores, que a EAD e todos os seus complementos informacionais, determinam para absorvê-los e aplicar adequadamente.

Assim nesse cenário, em que a literatura majoritária dá o maior destaque às resistências dos professores preferenciais, sejam elas prévias ou no decorrer do processo, surge uma voz que se opõe à corrente dominante e aponta como fator preponderante às dificuldades de implantação de

um projeto de EAD, as falhas estruturais, das instituições, com uma parcela maior na enumeração das dificuldades que a das restrições dos docentes em geral.

Esse contexto, reforçado pelas demandas sociais, forma o arcabouço formativo da tendência que culminaram na opção pelo tema. Explicitando melhor, a força motivadora deste artigo é a necessidade de avaliar, numa pesquisa descritiva quantitativa, qual a efetiva propensão do corpo docente de uma Instituição de Ensino de Ensino Superior da cidade do Rio de Janeiro, com viés preponderante de ensino presencial, em se opor, implícita ou explicitamente, em suas respectivas áreas de conhecimento, ao ensino a distância.

## 2 A PESQUISA NA PERCEPÇÃO DOCENTE

Pela leitura de temas correlatos, avaliação e estudo dos conteúdos para a definição do tema já trouxeram com elas, praticamente, toda a formatação do problema e do respectivo conteúdo a ser pesquisado. Nota-se um direcionamento amplo, nos artigos lidos, para um docente presencial como agente reativo à customização de outro sistema. Essa constatação aponta o cerne da problematização deste estudo. Pesquisar se na percepção dos interessados, os docentes, haverá mesmo sentimento antagônico ao sistema em discussão, bem como, quanto à percepção de quais conhecimentos se tornam necessários para poder atuar como docente desse mesmo sistema.

O reconhecimento na literatura desse aspecto do tema aplainou o caminho para o estabelecimento das hipóteses para investigar a existência de barreiras no corpo docente presencial dessa IES para a implantação do sistema de formação de saberes, a EAD? Quais seriam as respostas para essa pergunta, entendendo-se que elas serão as suas hipóteses.

Primeiramente cabe refletir se a educação a distância vai perdurar ou se é, simplesmente, mais um novo modismo passageiro.

Partindo dessa premissa, já amplamente identificada e justificada em outros trabalhos acadêmicos, há que investigar se existe, efetivamente, um elemento de resistência dos professores à nova modalidade e aos saberes que precisam adquirir, para bem atendê-la.

Mais, a aplicabilidade prática do potencial avanço da tecnologia, não tem mais espaço para discussão ou dúvidas. Ela, a tecnologia, é irreversível. Basta um simples percorrer de olhos, no entorno, para facilmente se perceber a intensidade com que as pessoas supervalorizaram o uso de celular e outras mídias, tais como *tablet* e *laptop*.

Visando atender a plena problematização do que se pretende estudar o objetivo geral para isso e sua derivação, em objetivos específicos, manifesta-se de forma clara e cristalina nos aspectos enumerados a seguir:

Geral: Investigar as barreiras existentes no corpo docente presencial da Instituição de Ensino Superior para que o sistema de formação de saberes possa ser implantado, na nova sistemática - a EAD.

Específicos (a) discutir a EAD enquanto um método desafiador a ser adotado, como um gerador de saberes individuais, e sua contribuição para a consolidação em saberes coletivos conjuntos; (b) levantar possíveis barreiras existentes no corpo docente presencial para a implantação da EAD e, (c) analisar prováveis resistências dos docentes à utilização de novos parâmetros de aprendizagem participativa e das tecnologias a serem adotadas.

Nesse enfoque, este trabalho será feito com uma pesquisa descritiva, pois seu escopo é levantar, registrar e classificar analiticamente as prováveis barreiras atuais dos professores presenciais, para a criação de novos saberes nas práticas do ensino à distância. Ela será complementada por pesquisa bibliográfica para suscitar as posições dos professores, com relação à dicotomia do método de ensino tradicional ou presencial perante o método à distância;

Diz Cervo, com relação à pesquisa descritiva.

A pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los. Procura descobrir, com a maior precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características (CERVO, 2007, p. 61).

E, quanto à pesquisa bibliográfica, afirma:

A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Em ambos os casos, busca-se conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto, tema ou problema (CERVO, 2007, p. 60).

Para o adequado entendimento daquilo que se pretende provar, será feita a conceituação da EAD seguida de um histórico resumido de sua correspondente evolução, quer no mundo quer no Brasil, para permitir visualizar a cronologia dessa mesma evolução até os dias atuais.

### 3 EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Em termos técnico-conceituais, é possível afirmar, simples e objetivamente, que educação à distância é aquela que separa emissor e o receptor do conhecimento, eliminando a obrigatoriedade presencial, quaisquer que sejam os meios utilizados para essa mesma comunicação.

Aprofundando essa visão simplista, a EAD indica o método de intermediação entre ensino e aprendizado utilizando variadas tecnologias que mediarão a transição de informações entre professor e aluno que se encontrarem em ambientes físicos distintos e que poderão estar em locais próximos ou, até, bem afastados entre si.

Sobre a educação à distância José Manuel Moran, escreveu:

Educação a distância é o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, onde professores e alunos estão separados espacial e/ ou temporalmente.

É ensino/aprendizagem onde o professor e alunos não estão normalmente juntos fisicamente, mas podem estar conectados, interligados por tecnologia, principalmente as telemáticas, como Internet. Mas também podem ser utilizados o correio, o rádio, a televisão, o vídeo, o CD-ROM, o telefone, o fax e tecnologias diferentes.

Na expressão “ensino à distância” a ênfase é dada ao papel do professor (como alguém que ensina a distância). Preferimos a palavra “educação” que é mais abrangente, embora nenhuma das expressões seja perfeitamente adequada. (MORAN, 2013).

Observa-se, portanto, que a característica principal do método é a de separar professor / aluno fisicamente, até quando diretamente conectados ou interligados, em sua comunicação, quaisquer que sejam as tecnologias de que dispuserem ou estiverem utilizando.

Em termos de aprendizado, entendem Gomes, Pinto e Paula (2013, p. 11) que “[...] não é a modalidade de ensino que determina a efetividade do aprendizado” aprofundando a avaliação, dizem “A educação, seja ela presencial ou à distância, deve propiciar ao estudante, entre outras coisas, alguns aspectos fundamentais para sua formação como cidadão, tais como: consciência crítica, criativa e participativa.”

Feito o reparo, passa-se à evolução da EAD. Aliás, essa modalidade, contrariando a expectativa criada, pela ressonância e amplitude de sua divulgação, nos meios informacionais, faz crer que se trata de um método nascente, mas que na realidade é bem mais antigo. Porém a abrangência e exaltação dessa tecnologia, nas mídias da informação com destaque para a comunicação on-line, via Internet, passa para os leitores mais desavisados a crescente percepção que a metodologia é muito recente. Cronologicamente, essa modernidade não passa de um mito. Na visão prática narrativa esse ensino remonta a longa data, como evidenciado restará ao final do pequeno histórico da EAD, aqui, resumidamente, apresentado.

Ratificando o que foi dito, a propagação da crença que EAD é um método bem moderno, hodierno, só faz crescer, mas não o é. Ela foi expandida pela enorme caixa de ressonância da mídia informacional e esse tem entendimento dominante entre os jovens. Seu olhar perceptivo fundamenta-se no que lhes é dado observar pelas tecnologias disponibilizadas. A vivência dos mais jovens com a tecnologia é evidente e a olho nu e só cresce. A atratividade da comunicação on-line via Internet, que permite a conexão, de forma direta e rapidamente, entre pessoas distanciadas ou não fisicamente, está em ascensão. E é isso que fortalece o aumento da percepção e do entendimento que estão lidando com uma metodologia inovadora dos tempos atuais, a EAD.

Entretanto, a bem da verdade, não há verdade nessa modernidade. Os registros históricos desmentem essa visão, digamos “maquiada” exercida sobre os mais jovens, pelo charme que a envolve, com o apelo do uso da aparelhagem desafiadora disponível, em que os celulares ocupam o posto de carro chefe desse aparato. Que eles são funcionais e charmosos, lá isso são. Quanto mais caros tanto maior é o fascínio que eles exercem quaisquer que sejam idade e classe social dos usuários. Parece que conferem *status* mais elevado, independentemente, do leque diversificado de probabilidades de uso e utilização que oferecem a seus usuários.

É importante ressaltar, porém, que essa dita novidade educacional não é procedente. Os relatos de sua evolução histórica mostram muito pelo contrário, que ela é bem antiga. Segundo o que se encontrou em vários artigos publicados, na Internet, há informações diferentes quanto à data mais provável de seu início, mas todas elas são remotas. Dentre os artigos lidos a data mais antiga é apresentada, no portal EAD Conquiste o Seu Diploma. Respondendo ao questionamento: “Como Surgiu a EAD” foi respondido que ela surgiu em 1728, na cidade de Boston, Estados Unidos, com o oferecimento de um curso Taquigrafia para os alunos de todo o país. Outros artigos pesquisados reportam-se à mesma data, como sendo aquela de que há notícia escrita e documentada de ser a primeira manifestação do ensino a distância.

Um resumo cronológico de sua evolução da história da EAD é apresentada na Tabela 1.

Tabela 1: Panorama geral da EAD no mundo

1728	Em 20 de março Caleb Philips, publicou anúncio de aulas por correspondência na Gazzete de Boston - EUA. Esta foi a primeira notícia que se tem desta nova metodologia
1840	Isaac Pitman oferecia aulas de taquigrafia por correspondência na Grã Bretanha
1880	O Skerr's College oferece cursos preparatórios para concursos públicos
1884	Foulkes Lynch Correspondence Tuition Services ministrou cursos de Contabilidade
1891	Nos EUA foi ofertado o curso de seguranças de minas por Thomas J. Foster
1910	A Universidade de Queensland, na Austrália, inicia o programa de ensino por correspondência
1924	Fritz Reinhardt cria a Escola Alemã por correspondência de Negócios (Bytwer e Diehl, 1989)
1928	A BBC começa a promover cursos para a educação de adultos usando o rádio

Fonte: (Site SlideShare. <https://pt.slideshare.net/guestc8aba15/a-histria-da-ead-no-mundo>)

Ainda no mesmo site e na configuração de slides, sob a denominação “Linha do tempo da educação a distância no Mundo e no Brasil”, Clayre Montes, apresenta uma linha evolutiva dessa educação no tempo e informa que ela começou no Brasil por volta de 1900, mais precisamente em 1904 quando Escolas Internacionais, ofereceram cursos por correspondência (Tabela 2).

Tabela 2: Linha do tempo da Educação no Brasil

1904	Escolas Internacionais. Cursos por correspondência
1934	Edgard Roquete Pinto. Acesso aos esquemas de aula via folheto e comunicação por correspondência
1939	Criação do Instituto Universal Brasileiro
1947	Nova Universidade do Ar. Patrocinada por SECAÇ, SESC e emissoras associadas
1961	Movimento Educação de Base (MEB) Igreja Católica e Governo Federal. Criação do Sistema Radioeducativo
1970	Projeto Minerva. Produção de programas e textos pelas Fundações Pe. Ladell e Pe. Anchieta
1992	Universidade Aberta do Brasil (UAB)

Fonte: (Clayre Montes Site SlideShare. [https://pt.slideshare.net/ClayreMontes/histria-da-educacao-a-distancia-no-mundo-e-no-brasil?next\\_slideshow=1](https://pt.slideshare.net/ClayreMontes/histria-da-educacao-a-distancia-no-mundo-e-no-brasil?next_slideshow=1))

Referenciando o Ensino a Distância no Brasil, Francisco Filho (2017:196) diz que “antes do ano 1900 existiam anúncios nos jornais sobre a qualificação profissional à distância” e que:

Os cursos de modalidade EaD estão fundamentados em 4 pilares da educação para o século XXI, publicados pela UNESCO:

- Aprender a conhecer;
- Aprender a fazer;

- Aprender a viver juntos;
- Aprender a ser.

O mesmo autor discorre, também, sobre a legislação brasileira para EAD, como apresentado na Tabela 3.

Tabela 3: A legislação brasileira sobre o Ensino a Distância (EAD)

1996	Lei nº 9.394/96 - Diretrizes e Bases da Educação à Distância
1998	Decreto nº 2.494/98;
	Decreto nº 2.568/98;
	Portaria Ministerial MEC nº 301/98;
2003	Portaria Ministerial MEC nº 2.853/2003;
2005	Decreto nº 5.622/2005;
2006	Decreto nº 5.773/2006;
2007	Decreto nº 6,303/2007;
	Portaria nº 1/2007;
	Portaria nº 40/2007;
2009	Portaria nº 10/2009;
2010	Portaria nº 1.326/2010;
2012	Lei nº 12.603/2012;
2013	Instrução Normativa nº 1/2013;
2016	Resolução nº 1/2016.

Fonte: (Adaptado de FRANCISCO FILHO, 2017, p. 195).

E o autor complementa o assunto afirmando:

Além da Legislação Federal citada, os 26 estados e o Distrito Federal e os municípios, têm legislações próprias, que não podem contrariar as leis hierarquicamente maiores, nem a Constituição Federal, constituições estaduais e as leis orgânicas dos municípios (FRANCISCO FILHO, 2017, p. 196).

Logo, depreende-se que o Ensino a Distância está amparado no Brasil por fundamentação legal, Federal, estadual, do Distrito Federal e dos municípios.

#### 4 RESULTADO E RESPECTIVA DISCUSSÃO

Nesta pesquisa quantitativa foi aplicado um questionário com 8 questões fechadas oferecendo a possibilidade aos respondentes de apresentarem argumentos discursivos livres ou

direcionados e 1 questão totalmente aberta. O público alvo é formado por professores de uma instituição privada de ensino superior do Rio de Janeiro.

Em síntese as questões buscam resposta para a percepção de professores, atores do ensino presencial, sobre o ensino a distância, prováveis diferenças entre esses métodos de ensino, bem como a existência ou não de reações ao ensino virtual e causas determinantes.

O questionário foi encaminhado a 35 professores, sendo que 30 deles o devolveram preenchido, portanto 85,71% dos pesquisados responderam aos questionamentos, como segue:

• **Questão nº 1 “Nome opcional”.**

Houve total equilíbrio neste item, com 15 professores informando o nome e 15 não o informando, portanto exatos 50% para identificados e não identificados.

• **Questão nº 2. “Há quanto tempo exerce o magistério nesta Instituição de Ensino IES”.**

Dos entrevistados, 19 deles ou 63,33%, declaram que trabalham na instituição há mais de 5 anos e somente 2 ou 6,67% disseram que trabalham há 1 ano ou menos, conforme demonstrado na figura 1.

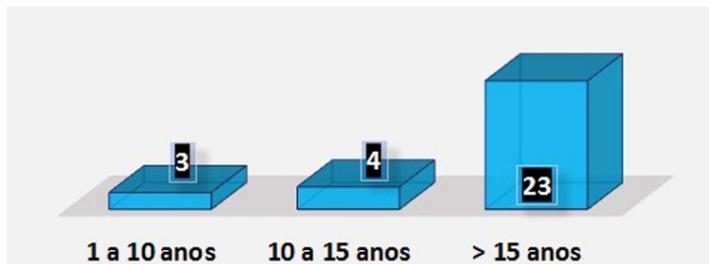
Figura 1- Representação gráfica correlacionando o quantitativo de professores com o período em que na Instituição de Ensino (IES).



• **Questão nº 3. “E no conjunto geral desta e de outras Instituições de Ensino”.**

O grupo de professores com mais de 15 anos de experiência acadêmica foi majoritário, pois 23 dos 30 pesquisados, gráfico 2, ou 76,67% deles informaram ter esse tempo de docência.

Figura 2. Tempo de magistério na Instituição e em Outras Instituições.



Visando melhorar a orientação e entendimento desta e de outras questões da pesquisa, classificaram-se os respondentes, grupados por tempo de ensino, em Classe I, até 15 anos e Classe II, mais de 15 anos de atividade como docentes universitários, vendo-se na ilustração do figura 3 que a maioria absoluta, mais de 2/3 dos professores, está enquadrada na classe II (+ de 15 anos).

Figura 3. Distribuição dos professores por classes, de acordo com o tempo de magistério.



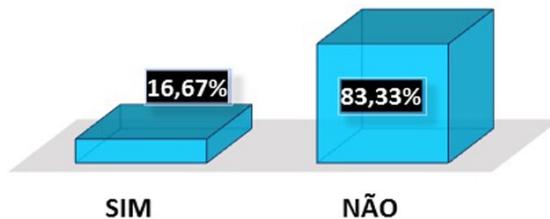
Pode-se concluir, portanto, que a população de docentes que respondeu à pesquisa é detentora de grande experiência acadêmica, na área do ensino, com fundamento na identificação que mais de 75% deles atuam como professores presenciais, por mais de 15 anos.

• **Questão nº 4. “Dá aula de EAD, nas instituições onde leciona, ou em cursos específicos do método.”**

Como esperado, por se tratar de docentes do ensino presencial, a quantidade de professores que não atua na EAD supera largamente aquela que nela atua.

Na amostra pesquisada 5 responderam que SIM contra 25 que disseram NÃO, visualizando-se na figura 4, claramente, essa massiva participação de 83,33% do Não contra 16,67% do SIM.

Figura 4. Professores que dão aula na EAD.

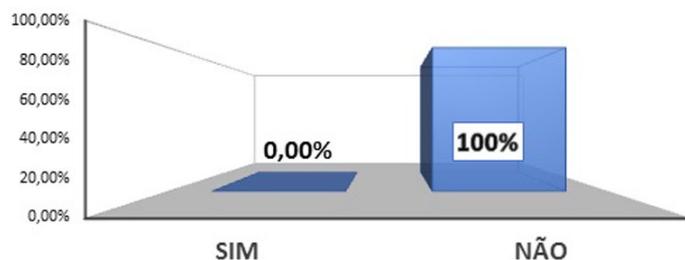


Objetivando uma visão mais clara do enquadramento dos professores e sua possível atuação na EAD, de acordo com o tempo de docência, separou-se a tabulação pelas classes I e II.

O desdobramento evidenciou a primeira surpresa. Os docentes que formam o contingente de “professores EAD” pertencem à classe II, mais de 15 anos de atividade. Isso contrariou a expectativa dominante de que os professores mais jovens, por serem da era das novas tecnologias, seriam mais atuantes nessa metodologia virtual de ensino, o que não foi consagrado nas respostas obtidas na pesquisa.

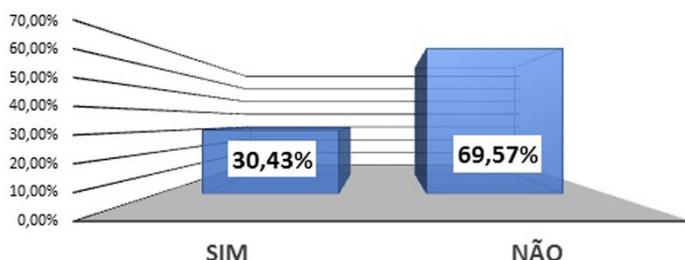
Assim, dentre os 7 professores respondentes da classe I, até 15 anos, nenhum declarou atuar na EAD, conforme evidenciado na figura 5.

Figura 5. Professores que dão aula na EAD: Classe I: até 15 anos de docência.



Já dos 23 professores da classe II, acima de 15 anos, 7 informaram que atuam na EAD. Essa constatação foi, efetivamente, uma resposta surpreendente, refutando, também, a crença de que professores, com mais tempo de ensino presencial, não atuariam no ensino a distância. A figura 6 mostra que 30,43% desses professores trabalham, concomitantemente, nas duas modalidades.

Figura 6. Professores que dão aula na EAD: Classe II: mais de 15 anos de docência.



• **Questão nº 5: “Utiliza ou já utilizou tecnologias de informação e comunicação em suas aulas.”**

Nas respostas surgiu nova surpresa. E de novo contrariando a dita tendência de professores com mais tempo no ensino presencial, resistirem ao uso das novas tecnologias. Os respondentes desta pesquisa mostraram que essa percepção não corresponde à realidade deles.

Os 30 pesquisados, foram unânimes ao informar que utilizam ou já utilizaram recursos informacionais em suas aulas presenciais, alcançando a marca de 100% mostrada na figura 7.

Figura 7: Uso de recursos informacionais na sala de aula. Classe I (até 15 anos) e Classe II (mais de 15 anos).



A unanimidade manifesta pelos respondentes “acendeu o sinal”, imediatamente, de ter ocorrido uma resposta por impulso. Vale lembrar aqui do genial dramaturgo Nelson Rodrigues

que defendia que “toda a unanimidade é burra”, o que, aliás, bem especificado e ratificado fica na análise dos desdobramentos dessa 5ª questão feita nos parágrafos que seguem.

Como dito antes a questão 5 é composta por duas partes distintas: uma com perguntas direcionada para uma resposta com opções dirigidas e a outra não:

Na primeira parte, aos respondentes que assinalaram SIM foram oferecidas 4 tecnologias para eles dizerem qual ou quais delas utilizam ou já utilizaram, no seu dia a dia. Com esse enfoque, o universo de respostas possíveis aumentou decorrente do número de pesquisados multiplicado pela quantidade de opções SIM, o que redundou na massa crítica a considerar de 120 respostas ( $4 * 30 = 120$ ).

Na segunda parte da questão, com a resposta foi aberta, oferecendo aos respondentes 5 instrumentos diferentes, possibilitou a formação de um universo de possibilidades de 150 opções ( $5 * 30$ )

A distribuição das respostas está na tabela 4, com a respectiva visualização na figura 8.

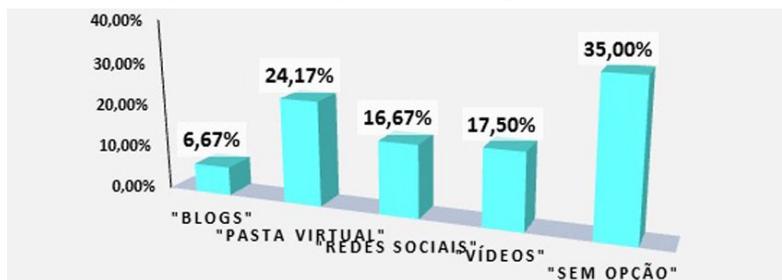
Tabela 4: Elementos da tecnologia da informação ou comunicação.

Elementos	Assinaladas (a)	Abrangência (b)	% = (a / 120) x 100
Blogs	8	120 (30 * 4)	6,67%
Pasta Virtual	29	120 (30 * 4)	24,17%
Redes Sociais	20	120 (30 * 4)	16,67%
Vídeos	21	120 (30 * 4)	17,50%
Sem opção	42		35,00%
Total	120	120	100,00%

Veja-se na figura 8 que a opção “pasta virtual”, fruto da prática da IES onde os pesquisados trabalham que os orienta para a utilizarem, na comunicação com os discentes, na plataforma do aluno, é quase unânime, só perde para a indicação de “sem opção”.

E é nesta última opção assinalada que reside a ratificação da frase de Nelson Rodrigues. Como “sem opção” foi assinalada se todos afirmaram antes que usam ou usaram tecnologia informacional em suas aulas? Lógico que não há unanimidade no caso, logo, a frase de Nelson, é atual e verdadeira.

Figura 8. Distribuição das tecnologias utilizadas.



Ainda com relação à questão 5, opção SIM/Sem opção, na figura 8, analisada em conjunto com as demais opções indica que, pelos menos, 10 dos respondentes, no grupo de 30, não utilizam ou já utilizaram, na verdade, qualquer recurso informacional em suas aulas. Tal aspecto

está plenamente explícito, de novo, na análise da opção outros, em que perto de 98% dos respondentes, ou mais adequadamente 10 deles disseram que nada tinham para informar. Essa “declaração informal” ratifica o entendimento inicial de que o uso passado ou presente de 100% de elementos informacionais, nas aulas presenciais, não corresponde à realidade dos fatos.

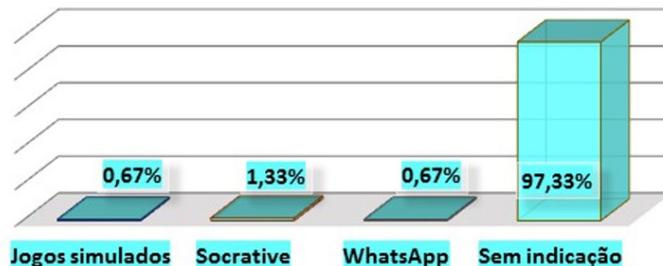
Tabela 5: Questão 5 opção SIM, Outros / sem opção.

Elementos	Assinaladas (a)	Abrangência (b)	% = (a / 320) x 100
Jogos simulados	1	150 (30 * 5)	0,67%
WhatsApp	1	150 (30 * 5)	0,67%
Socrative	2	150 (30 * 5)	1,33%
Sem indicação	146		97,33%
Total	150	150	100,00%

A falta de adesão para informar outras mídias, foi mais uma surpresa da pesquisa.

No planejamento e depois da constatação de 100% de respostas positivas à questão 5, ratificadas na figura 7, esperava-se um quantitativo mais robusto de mídias, que permitisse identificar essas outras formas de comunicação menos usuais, ou mais sofisticadas. Isso não ocorreu.

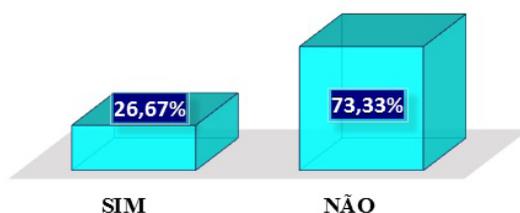
Figura 9: Desdobramento de outras mídias informacionais.



• **Questão nº 6: “Abordando o tema Educação, sob o enfoque de professor, entende que a Educação a Distância e Educação Presencial, oferecem a mesma qualidade.”**

Aqui 22 dos 30 docentes dizem não haver a mesma qualidade nas duas formas de ensino, o que, aliás, era plenamente esperado pelo universo da amostra que respondeu ao questionário, formado, preponderantemente, por professores presenciais.

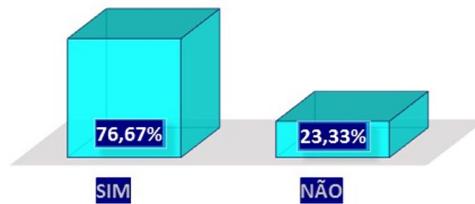
Figura. 10: Há igualdade na qualidade de ensino da EAD e do Ensino Presencial.



• **Questão nº 7. “Em sua opinião a formação dos professores de EAD e presencial é diferenciada.”**

Seguindo a tendência anterior de que a qualidade não é a mesma nas duas modalidades de ensino, aqui a ratificam marcando a necessidade de formação diferenciada dos professores para atenderem às diferentes demandas. Por isso, 22 dos 30 docentes entendem que eles precisam de uma formação diferenciada para dar aula na EAD, espelhada na figura 11.

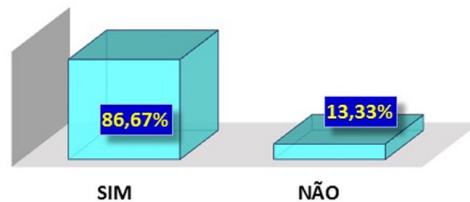
Figura 11: Formação diferenciada dos professores para a EAD e ensino presencial.



• **Questão nº 8 “Como profissional de ensino tem a percepção de que há resistências dos professores presenciais ao engajamento na EAD”.**

Os respondentes, na mesma linha de tendência das duas últimas respostas, entendem que há resistências ao engajamento dos professores presenciais na EAD. Expressas na figura 12 as opções assinaladas mostram que o entendimento da diferenciação qualitativa dos métodos de ensino e da formação dos professores, respectivamente, para darem aula na EAD, é fortemente corroborado neste conjunto de respostas, em que uma quantidade maior de respondentes percebe que há oposição de professores presenciais e com resistências à EAD.

Figura 12: Resistência dos professores presenciais ao engajamento na EAD.



Vê-se na figura 12 que 13,33% da amostra ou 4 docentes presenciais, não opõem resistências a EAD. No caminho oposto anda a grande maioria, e, foi a ela que coube assinalar, dentre as opções oferecidas, aquelas que são as prováveis causadoras dessas resistências.

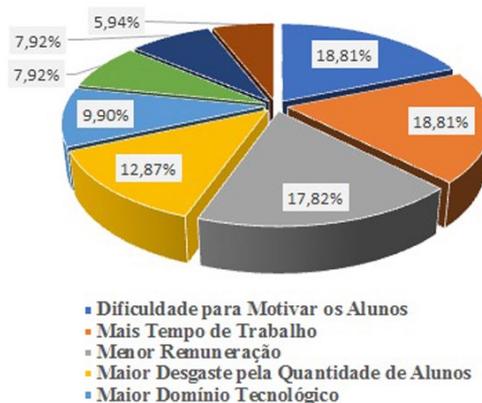
Assim, a amostra anterior de 240 probabilidades (30 respondentes vezes 8 opções) foi reduzida em 32 (4 respondentes \* 8), perfazendo o universo final de 208 alternativas possíveis

Pedi-se aos respondentes que ordenassem as opções na ordem da prioridade deles, o que poucos fizeram. Perante essa realidade a classificação prioritária ficou precária para a análise quantitativa / avaliativa, determinando, em consequência, a mudança do paradigma da avaliação, para pesquisa quantitativa, somente, expressa na tabela 6 e na figura 13 seguintes.

Tabela 6 Ordenamento quantitativo das restrições à EAD.

Barreiras ao engajamento na EAD Percepções dos respondentes	Incidência de barreiras	Participação. Respondentes	Participação Na Amostra
Dificuldade para Motivar os Alunos	19	18,81%	9,13%
Mais Tempo de Trabalho	19	18,81%	9,13%
Menor Remuneração	18	17,82%	8,65%
Maior Desgaste p/Quantidade de Alunos	13	12,87%	6,25%
Maior Domínio Tecnológico	10	9,90%	4,81%
Estruturas Precárias	8	7,92%	3,85%
Pessoais	8	7,92%	3,85%
Falta de Apoio Institucional	6	5,94%	2,88%
Tamanho da amostra dos respondentes	101	100,00%	
Opções não marcadas pelos respondentes	107		51,44%
Tamanho da amostra das probabilidades	208		100,0%

Figura 13 - Classificação quantitativa das restrições a EAD.



Foi interessante notar e por isso este destaque que as principais barreiras apresentadas para o engajamento dos professores na EAD dizem respeito a aspectos operacionais e de relacionamento com os alunos.

As barreiras mais destacadas, com o mesmo grau de intensidade, foram as dificuldades para motivar os alunos e a de mais tempo de trabalho, dos docentes. Deduz-se que a segunda é uma situação decorrente da primeira. Igualmente sintomática foi a percepção da remuneração menor, como uma das maiores barreiras ao EAD, sem que, entretanto, fosse a primeira, o que era esperado, em decorrência dos pontos levantados na literatura dominante.

• **Questão nº 9. “Apresente, de acordo com sua experiência e convicção, os principais fundamentos favoráveis e contra a implantação da EAD numa IES.”**

Questão aberta com grande amplitude para as respostas. A sua classificação foi feita por grupos similares ou de igual sentido. Não foi estabelecida nenhuma amplitude comparativa adotando-se para isso o total das respostas listadas.

A tabela 7 foi ordenada pelas prioridades dos 30 respondentes sendo listadas as situações parecidas/similares, mais citadas o que eliminou várias das alternativas apresentadas, pelo pequeno número de convergência das opiniões dos respondentes.

Tabela 7: Principais fundamentos a favor e contra a implantação da EAD.

Ord	FAVORÁVEIS	QTD	Grau	CONTRA	QTD	Grau
1	Atingir mais alunos. Maior alcance. Mais abrangência	23	27,71%	Discente: despreparo; perfil indevido; pouco compromisso ou falta dele; sem auto-estudo.	26	21,67%
2	Maior facilidade de acesso às aulas	16	19,28%	Docente: domínio de novas tecnologias. Mais tempo para estudo. Necessidade de novos saberes	25	20,83%
3	Redução de custos	15	18,07%	Internet: falta de acesso, ou, deficiente. Cara. Falha. Lenta. Ausência de internet.	21	17,50%
4	Capacitação de professores	13	15,66%	Fraude no uso. Descontrole. Outros respondentes.	20	16,67%
5	Novas tecnologias	10	12,05%	Remuneração baixa	18	15,00%
6	Democratizar o ensino	6	7,23%	Falta de adesão. Desinteresse	10	8,33%
	Total	83	100,0%	Total	120	100,0%

A destacar que os depoentes entendem que tanto nos elementos favoráveis da EAD quanto nos contra o corpo discente tem forte representatividade neles. Favoráveis: a perspectiva aponta que as melhorias para o aluno representam 27,71% dos elementos positivos enquanto que, no enfoque contra a participação é 21,67% dos elementos negativos. Próximas, estão as visões.

Nos fundamentos contra a implantação da EAD, surgem como principais destaques, praticamente em igual número, as resistências dos discentes e dos docentes, o que não deixa de ser uma novidade. Entretanto se olharmos as resistências citadas para os docentes, como um único todo, observa-se que elas figuram no topo dos elementos percebidos pelos respondentes como as grandes causadoras das barreiras à implantação do ensino a distância.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fundamentação para realizar a pesquisa surgiu com a necessidade de se procurar entender o posicionamento de professores presenciais, como potenciais professores de ensino a distância, perante os desafios representados por sua possível participação como atores efetivos da EAD.

Na pesquisa bibliográfica constatou-se que uma grande parte do material analisado apresenta, invariavelmente, a existência de barreiras, tidas como comuns e praticamente inevitáveis. Os destaques mais frequentes são aglutinados em dois grandes grupos: (a) Barreiras Institucionais, configuradas quer na infraestrutura organizacional quer infraestrutura operacional, dita também, instrucional; (b) Barreiras pessoais / professores, envolvendo, quase sempre, o uso da tecnologia, a reação ao novo e a necessidade de aprendizagem de novos saberes.

Concomitantemente ao aspecto das barreiras à EAD, os pontos desafiantes levaram à realização de uma pesquisa quantitativa para poder mensurar até que ponto as alegadas barreiras e desafios são vistos e percebidos, efetivamente, por professores da educação presencial de uma Instituição de Ensino Superior.

O desenvolvimento, a análise e a tabulação dos elementos pesquisados, como detalhado anteriormente, permitiu chegar, em respostas às dúvidas originais suscitadas, às seguintes conclusões fundamentais, expressas pelos 30 professores presenciais que responderam ao questionário, sobre a comparação ensino a distância *versus* ensino presencial.

- 1- O ensino a distância (EAD) e o ensino presencial **NÃO** têm a mesma qualidade;
- 2- A formação dos professores de EAD deve ser diferenciada;
- 3- Há **SIM** resistência dos professores presenciais para o engajamento na EAD.

A par do esclarecimento desses pontos principais, é importante destacar, nesta conclusão, outros aspectos que contribuíram para dirimir as dúvidas apontadas na problematização do tema.

No campo da aquisição de novos saberes, para os professores presenciais ministrarem aulas na EAD, 76,67% dos consultados defendem que há necessidade de obtenção de novos conhecimentos específicos para tal. Essa posição é plenamente ratificada quando a pesquisa, em questão aberta, identifica que na implantação da EAD, um dos elementos a favor é a capacitação dos professores (15,66%). E reforça que docentes como atores do ensino, agora no papel de vilões, necessitam do domínio de novas tecnologias, mais tempo para estudo e necessidade de novos saberes, formando a segunda maior restrição à EAD, com 20,83%.

Portanto, a realização desta pesquisa, apresenta uma validade direta e específica. Depois de auscultar e aferir as percepções de professores presenciais, frente às decantadas dificuldades e entraves deles perante o EAD, mostra a efetividade de seus entendimentos, sentimentos e preocupações sobre essa modalidade de ensino. Oferece, ainda, a oportunidade para a realização de novos trabalhos visando obter detalhes e esclarecimentos mais aprofundados da contribuição dos professores presenciais, para o desenvolvimento do ensino qualquer que seja a modalidade.

## BIBLIOGRAFIA

**A história da EaD no Mundo: um panorama geral**, In SlideShare, disponível em <https://pt.slideshare.net/guestc8aba15/a-histria-da-ead-no-mundo>. Acesso em 02. Mai. 2017

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro A.; DA SILVA, Roberto. **Metodologia científica**. 6. Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

**Como surgiu o ensino a distância?** Disponível em <http://www.ead.com.br/ead/como-surgiu-ensino-a-distancia.html>. Acesso em 02. Mai. 2017.

FRANCISCO FILHO, Geraldo. **História geral da educação**, 3. ed. Campinas (SP): Alínea, 2017

GOMES, Josir Simeone; PINTO, Patrycia Scavello Barreto; PAULA, Melisa Maia. **“Metodologia do ensino: uma análise da percepção dos alunos frente a diferentes formas de ensino”**, in GOMES, Josir Simeone (org) Métodos de ensino em cursos superiores de Ciências Contábeis, Rio de Janeiro: CRCRJ, 2013.

MADEIRA-COELHO, Cristina M.; TACCA, Maria Carmen V. R.; OLIVEIRA, Luciana da; PINTO, Karina Panizza. **“A constituição subjetiva da profissionalidade docente: vivências investigativas e formação”**, in TACCA, Maria Carmen V. R (org). A pesquisa como suporte da formação e ação docente. Campinas (SP): Alínea, 2017.

MONTES, Claye. **Linha do tempo da educação a distância no Mundo e no Brasil**, In SlideShare, disponível em [https://pt.slideshare.net/ClayreMontes/histria-da-educao-a-distncia-no-mundo-e-no-brasil?next\\_slideshow=1](https://pt.slideshare.net/ClayreMontes/histria-da-educao-a-distncia-no-mundo-e-no-brasil?next_slideshow=1). Acesso em 02. Mai. 2017.

MORAN, José Manuel. **O que é educação a distância**, 2013. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf>. Acesso em 23. Abr. 2017.

NELSON RODRIGUES. **Frases de Nelson Rodrigues**, p. 2 disponível em [https://pensador.uol.com.br/frases\\_de\\_nelson\\_rodrigues/2/](https://pensador.uol.com.br/frases_de_nelson_rodrigues/2/). Acesso em 22. Mai, 2017.

ZAGURY, Tania. **“O que não pode esperar”**. *O Globo*. [Rio de Janeiro] p. 19, 23 abr. 2017.